

## **O SERTÃO E O SAGRADO: AS REPRESENTAÇÕES DE CRISTO NO CORDEL “MEU JESUS É NORDESTINO” E NA CANÇÃO “JESUS SERTANEJO”**

*Emerson José Ferreira de Sousa<sup>1</sup>*

### **Introdução**

Quando falamos de Nordeste e de sertão, um conjunto de imagens e símbolos da cultura destas espacialidades perpassa por nosso imaginário. O pluralismo desta cultura é uma de suas marcas fundamentais, onde ela possui na forte religiosidade católica uma de suas principais características (CALDAS FILHO, 2005). A prática religiosa do sertão nordestino, como é em diversos outros lugares, foi historicamente construída a partir de vivências e experiências cotidianas daqueles que vivem intensamente o Nordeste. Ela traz em sua trajetória as marcas de um lugar: os costumes, suas falas e gestos e suas formas de pensar e agir.

Como meios de expressão do contexto sociocultural do sertão nordestino, destacamos aqui o cordel e a música de Luiz Gonzaga, elementos genuínos da cultura local e historicamente veiculadores das imagens do Nordeste por todo o país. Nisto, e no quadro da religiosidade sertaneja, tem-se por objetivo neste trabalho analisar o cordel *Meu Jesus é nordestino* de Pe. Matusalém Sousa (1982) e a canção *Jesus sertanejo* de Luiz Gonzaga (1977), onde buscamos problematizar as representações de Cristo por eles veiculadas quando circunscritas ao contexto sociocultural do cotidiano sertanejo. Antes de adentrarmos nas tramas do folheto e da canção, é plausível que se faça uma discussão acerca de suas capacidades como fonte de produção histórica, além de demonstrar algumas imagens que se constituíram ao longo do tempo envolta na figura de Jesus Cristo.

Nos últimos anos a partir do crescimento dos estudos produzidos na conjuntura história/literatura e da emergência da Nova História Cultural, o cordel como fonte histórica tem ganhado cada vez mais espaço. Quando se trata de pesquisas que se apropriam do conceito de representação tal como apresentado por Roger Chartier, o cordel é tomado como uma das fontes primordiais pelos pesquisadores interessados em níveis mais profundos do pensamento humano. Como legítimo representante da “cultura

---

<sup>1</sup> Graduando no curso de licenciatura plena em História pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Centro de Formação de Professores (CFP), Cajazeiras – PB. E-mail: emersons933@gmail.com

popular”, o cordel no Brasil e principalmente no Nordeste, traz temas que na maioria das vezes ligam-se ao cotidiano “[...] como as festas, secas, disputas, brigas, milagres, atos de heroísmo, morte de personalidades, dentre outros.” (BRITO, 2016, p. 23).

Os folhetos através de sua constituição possuem uma espécie de essência natural que os tornam um artifício de atração em espaços permeados pela tradição oral, caso do sertão nordestino. Dialogando com outros elementos culturais sertanejos, como o repente, o cordel firmou-se como meio extremamente propício à veiculação da cultura local, o que o torna atualmente indispensável para seu conhecimento.

Esta literatura popular traz em si uma capacidade (re) inventiva e (re) elaborativa de um dado espaço social, contribuindo para constituição do mesmo enquanto produção imagético/discursiva. Compreendemos isto melhor quando Albuquerque Júnior afirma que o cordel,

[...] produz uma “realidade” nascida da reatualização de uma memória popular que entrelaça acontecimentos das mais variadas temporalidades e espacialidades. Presentificando-as, colocando-as acima do tempo corrosivo da história, uma prática discursiva que inventa e reinventa a tradição e, como tal, interessava a um grupo de intelectuais também preocupados com a estabilidade espaço-temporal. (2011, p. 130).

A música, por sua vez, é outro elemento historicamente presente na cultura do sertanejo nordestino, principalmente a de Luiz Gonzaga. Sua representatividade das vivências e experiências socioculturais do sertão, tem feito com que estudiosos das mais diversas áreas também entrem em diálogo com a pluralidade cultural do cotidiano em questão. Tal como o cordel, a música também abre a eles um leque de perspectivas para se entender o homem sertanejo. Analisando diversas representações religiosas presentes nas músicas de Gonzaga, Gama (2012, p. 12), afirma que são perceptíveis nessas canções “as formas como os crentes se relacionam com as divindades, em conexão com um arcabouço cultural ligado à religiosidade popular. Lá estão representados os santos, os mitos, os lugares sagrados e os sentimentos ligados à fé religiosa de cunho popular”.

Para Albuquerque Júnior (2011), a música gonzaginha configurou-se como um dos elementos que construíram a espacialidade nordestina, onde os formatos das canções, sua caracterização do Nordeste, sua simbologia, dentre outros elementos, apresentaram certa visão de Nordeste para todo o país através de seu alcance e repercussão. A música de Gonzaga nas palavras do mesmo autor é:

Uma música que vai ligar subjetividades díspares, que vai produzir um “sentir nordestino”, instituir uma certa “visão nordestina” das formas e dos sentimentos, cantando a “verdade nordestina” com seu timbre de dor, tornando a sua própria forma de cantar um índice de regionalidade. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 180).

Portanto, a música de Luiz Gonzaga nos permite uma inserção na subjetividade nordestina, o que a torna também referencial valioso nos estudos das representações desta cultura.

As fontes deste trabalho veiculam certa visão sobre Jesus Cristo, e historicamente este fora representado de diversas formas conforme o contexto de produção dessas representações. Costa (2010) ao discutir as representações de Cristo na Bíblia Medieval Portuguesa, menciona que, de acordo com esse livro, na Idade Média havia acentuada preocupação com a genealogia de Jesus e com suas relações com a escatologia/milenarismo. Já Bueno (2003) analisa as imagens de Cristo trazidas pela literatura portuguesa da geração de 70 do século XX. Citando autores como Eça de Queirós e José Saramago, a autora discute como essa literatura pôs em xeque a divindade de Cristo e formulou outras hipóteses para suas vivências e relações com seus discípulos. Aqui citamos apenas dois artigos, contudo, muitas outras obras se propuseram a revisitar a imagem cristalizada do Jesus histórico.

Para o caso de aparições de Cristo em objetos de veiculação artística da cultura popular nordestina, deve-se fazer algumas considerações. Se observarmos cordéis ou mesmo músicas de Gonzaga que trazem temas religiosos, veremos que Cristo aparece muito pouco. É muito mais frequente neles a história dos santos e de outros representantes relativos ao sagrado. Analisando aspectos da religiosidade nordestina no cordel, Caldas Filho (2005, p. 74) menciona uma “quase ausência de Cristo no imaginário religioso popular do Nordeste do Brasil. Há mais cordéis que falam do diabo, o “cão”, que sobre Jesus”. Representantes do sagrado característicos do Nordeste como o Padre Cícero e Frei Damião, tomam a maior parte dos temas religiosos nas músicas e principalmente nos folhetos, neles também “fala-se mais nestes personagens que na pessoa de Cristo”. (CALDAS FILHO, 2005, p. 74). Contudo, deve-se ressaltar que na ótica cristã católica, os santos e outros representantes do sagrado são mediadores entre o povo e Cristo que obviamente está em um plano superior, talvez por isso eles apareçam tanto em folhetos, músicas e etc. Chegar a Cristo é sempre o objetivo final, e

o folheto e a música que vamos analisar trazem isso sem mencionar a ideia de medição dos santos.

Considerando o exposto acima, e que historicamente os estudiosos discutiram certas imagens de Jesus Cristo, entendemos aqui que se torna plausível demonstrar e analisar as representações de Cristo no sertão nordestino veiculadas pelo cordel e pela música. Quais os elementos e mecanismos que ambos utilizam para tal? Quais são os objetivos dessa veiculação? Abarcam este trabalho os conceitos de representação e apropriação propostos por Chartier (1991), bem como os de veiculação e difusão imagético/discursiva presentes em Albuquerque Jr (2011).

### **Relações e comparações de Jesus Cristo com o sertanejo**

Está sempre no meio de seu povo observando suas vivências e necessidades, era uma das características comuns de Jesus Cristo. A proximidade com os fiéis, o contato direto, viver o espaço das pessoas, parecia ser crucial nas prerrogativas da pregação de Cristo. O teólogo Tarcisio Loro, ao estudar as formas de comunicação de Cristo, deixa isso bem claro ao afirmar que ele,

Anunciava do meio do povo, conhecia sua história, seus desafios e esperanças. Jesus não só conhecia o seu povo, mas especialmente vivia como alguém do povo. Era sua maneira mais simples de estar com os pecadores, de escutar os pedidos dos leprosos, do cego de Jericó, da mulher que sofria do fluxo de sangue. (2010, p. 47).

Para caso do sertão, uma proximidade de Cristo com as vivências cotidianas do povo deste espaço social parecem explicitadas no pequeno trecho da música *Jesus Sertanejo*:

Ô ô Jesus razão  
Tão sertanejo  
Que entende até de precisão (FINIZOLA, 1977).

Aqui, Cristo é chamado de sertanejo por está identificado com as vivências do sertão, quando compreende as necessidades que atravessam o lugar. Ele é convocado a está no meio do povo sertanejo, a sentir sua “precisão”, de ser a razão de vida em um lugar que é visto pelo discurso da canção como sendo apto para que Jesus encontre-se constantemente nele.

Na perspectiva da música e do folheto, o sertão em sua caracterização sociocultural atrai o olhar divino quando se assemelha a um espaço idealizado para a atuação de Cristo. O folheto *Meu Jesus é nordestino* parece enfatizar isso em suas entrelinhas:

Jesus Cristo fala a fala da gente  
Que trabalha barato no Nordeste  
E tem o nome de “cabra da peste”,  
Sem dinheiro e sem sua patente;  
Mas que luta, de já, alegremente  
Na enxada que é força motriz.  
É nesta hora que o Cristo nos diz,  
Como mestre que é bem verdadeiro:  
Pro caboclo que não é fazendeiro:  
“Eu sou o tronco e meu pai é a raiz” (SOUSA, 1982, p. 2).

Nota-se que as simbologias sertanejas, - a fala, o trabalho duro, o “cabra da peste”, a enxada, o caboclo – são apresentadas pelo folheto enquanto elementos que inspiram Jesus Cristo a lançar seu olhar sobre o sertão. Essas simbologias parecem atuar como pontos de convergência entre o sertão e os parâmetros que Cristo utiliza nas escolhas de um povo eleito.

Não é forçoso afirmar que a maioria dos símbolos e representações do Nordeste estão relacionados à seca, os trechos do folheto e da música supracitados, apesar de não mencionarem diretamente, deixam o imaginário em torno da seca subtendido. Na situação em que se apresentam, eles tomam a seca em suas significações ligadas a um imaginário religioso, uma vez que nesta perspectiva, ela pode vir a fomentar uma ligação com a devinda tal como ressalta Gomes:

A seca, enquanto significação imaginária, fornece ao espírito privado e necessitado a urgência do *contato* com a entidade; fornece as condições imediatas que medeiam as relações homem-divindade; fornece, enfim, a cristalização do suplício e a realimentação necessária das crenças religiosas, periodicamente. (1998, p. 131).

Neste caso, a seca é um elemento base sob o qual se assenta grande parte destes símbolos sertanejos anteriormente mencionados que norteiam uma ligação com Cristo segundo as falas do folheto.

O cordel de Pe. Matusalém Sousa também busca assemelhar à *vida* de Jesus Cristo em sua missão, a vida do sertanejo. Sua conduta enquanto vivente e pregador

parece enquadrar-se aos “jeitos de ser” no sertão. Em um de seus trechos o folheto nos diz que Jesus,

palavras austeras, sem pobreza,  
Dirigidas Nas pro velho e pro menino,  
Apontava pro povo o bom destino  
Da vereda que leva a salvação;  
Sem mais nada levava o matulão<sup>2</sup>  
Dando provas de ser um nordestino. (SOUSA, 1982, p. 1).

Aqui, o folheto busca enfatizar a humildade de Cristo quando ele fala tanto aos mais velhos quanto aos mais jovens, fazendo alusão a humildade e simplicidade características do nordestino. Cristo em suas caminhadas levava apenas seu matulão, assim como os andarilhos e retirantes sertanejos.

Em outra descrição do folheto é reforçada esta semelhança entre Cristo e o sertanejo, onde outros elementos característicos do povo do sertão parecem se enquadrarem perfeitamente a conduta de Jesus:

Jesus Cristo nos lembra meu sertão  
Quando diz o que é pro mundo inteiro:  
O Bom Pastor, pra nós o Bom Vaqueiro  
Nestas matas, vestidos de gibão,  
Aboiando bem forte uma canção  
Onde diz tudo aquilo que ele sente.  
Jesus Cristo é gente com a gente,  
Que se observe o modo de falar  
E também quando sai a espalhar  
A palavra que é boa semente. (SOUSA, 1982, p. 2).

Nas falas do folheto, Cristo, como Bom Pastor, seria Como o Bom Vaqueiro sertanejo, personagem tradicional da cultura deste povo, às vezes cunhado de “herói” local. Cristo, como guia e protetor de seu povo, vai lembrar este personagem que é guia dos rebanhos nas “veredas” do sertão, que os cuida como ninguém, que é fiel e obediente a sua causa, assim como Cristo foi fiel a sua causa quando obedece a vontade de Deus. O aboiar da canção pelo vaqueiro que entoa longamente pelas matas, remete a explanação da palavra de Deus efetuada por Cristo. A palavra de Cristo é a boa semente plantada no sertão, extremamente valorizada em terras de sequeidão.

---

<sup>2</sup> Espécie de saco de carregar pertences, muito comum dos retirantes nordestinos. Cf. Dicionário Informal. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/matul%C3%A3o/>>. Acesso em 28 nov. 2016.

Atento para as necessidades cotidianas que demanda o sertão, e estando caracterizado como sertanejo, Cristo é representado nos discursos da música e do folheto como a esperança última de um espaço que se apresenta como esquecido.

Jesus  
Meu Jesus sertanejo  
Presença maior, minha crença  
Nestas terras sem ninguém (FINIZOLA, 1977).

No trecho supracitado da música cantada por Gonzaga, observa-se como o sujeito deposita sua esperança na presença constante de Jesus, onde ele parece ser o único capaz de oferecer o conforto solicitado. O folheto por sua vez, sendo mais enfático e apresentando seu discurso como sendo o do próprio Cristo, também reforça a esperança inabalável em torno de Jesus Cristo:

Pra o povo que está no desespero  
No Nordeste bem seco e muito quente.  
Jesus diz “tenha calma mina gente”  
Que sou vida pra que tudo reviva  
E também sou fonte d’água viva,  
Mata a sede quem bebe certamente” (SOUSA, 1982, p. 4).

Observemos como os trechos mencionados de ambas as fontes procuram veicular uma imagem de Jesus Cristo que o coloca muito próximo do povo. Nesta perspectiva, Cristo não parece muito preocupado com atitudes pecaminosas dos sujeitos em suas vivências cotidianas, ele estaria mais interessado em engajar-se na “labuta” cotidiana do sertanejo, dando-lhe força. Ele é visto nestes discursos como uma divindade menos controladora e mais solidária, o que o coloca mais próximo da realidade humana.

O cordel e a música procuram representar o sertão como um espaço da simplicidade, da honra, do trabalho árduo e também da necessidade, esses elementos na lógica cristã seriam algumas das essências que Jesus Cristo busca encontrar no ser humano, por isso há essa sua identificação com as vivências sertanejas.

### **Cristo contra a ideia de exclusão e abandono do sertanejo**

Jesus buscou direcionar sua mensagem principalmente aos menos favorecidos socialmente. Como nos diz Loro (2010, p. 52), “Apesar de sua mensagem ter um caráter

universal, Jesus tem como destinatários preferenciais os pobres, os marginalizados. São eles que decodificam historicamente a mensagem de Jesus, porque a eles, através do Filho, o Pai dirige a Boa Nova das Bem-Aventuranças.” A música de Gonzaga e principalmente o folheto de Pe. Matusalém Sousa, buscam veicular um Jesus Cristo ainda mais próximo dos desfavorecidos socialmente excluindo os ricos de seu círculo de atuação.

No último trecho mencionado da música, já se percebe um discurso que busca veicular a ideia de abandono do sertanejo. A expressão “*Nestas terras sem ninguém*” remete a ideia de isolamento do sertão, de abandono por parte daqueles que poderiam fazer algo por essa gente. Vejamos como outras falas da música buscam enfatizar isto:

Silêncio  
Na serra, nos campos  
Ai desencanto, que a gente tem  
E o vento que sopra, ressoa  
Ai sequidão que traz desolação (FINIZOLA, 1977).

Nesta passagem, a música anuncia o silêncio e a desolação que entoa pelos sertões em meio ao abandono. Em outro trecho da mesma canção, podemos também identificar um discurso de alguém que se sente excluído:

Do céu há de vir solução  
Na terra, a semente agoniza  
**Preconiza solidão**<sup>3</sup>  
E a tarde que arde, acompanha  
Ai tanta sanha de maldição  
Aqui vou ficar, vou rezar  
Ai vou amar a minha geração (FINIZOLA, 1977).

Percebe-se aqui mais uma vez que o sertão é visto como o lugar da solidão, onde somente vaga sobre ele o sertanejo solitário e mais ninguém. A ajuda só poder vir dos céus, porque parece que não há outros meios e possibilidades que ofereçam um suporte ao lugar senão a atuação do Cristo sertanejo.

O cordel busca ir mais ao cerne desta questão, onde formula um discurso que busca reforçar a ideia de um Jesus Cristo mais atuante do lado do povo do sertão nordestino:

---

<sup>3</sup> Grifo nosso.

Jesus Cristo será nosso Juiz  
Quando diz que trará o julgamento,  
Fala ao pobre e ao rico potente,  
Que só pensa na vida ser feliz:  
“Tu tiveste em vida o que quis  
Parecendo ser dono do destino  
**De meu povo tu foste um assassino**<sup>4</sup>  
Na tortura, na dor e na piedade.  
Este povo sofreu calamidade,  
Ma prefere meu pai o pequenino”.

Jesus Cristo é mesmo um nordestino  
Do roçado ele diz “ser a porteira”  
Quem entrando terá a vida inteira  
O direito de um nobre paladino,  
A viver todo amor que é divino,  
Como prêmio maior ao seu valor,  
É Jesus que vai ser o agricultor  
E o homem será a plantação.  
Jesus mesmo fará a adubação  
Acabando o poder do opressor (SOUSA, 1982, p. 3).

As falas destes versos são explanadas contra àqueles que historicamente usufruíram do poder no espaço sertanejo. Na perspectiva do folheto, o agricultor sertanejo, o homem da roça, vive a sofrer os desmandos e a opressão dos poderosos, onde a atuação de Jesus traria a justiça e reordenaria o espaço conforme os princípios corretos. Jesus é “porteira” do roçado, o que abre as portas do mundo justo e livre da opressão histórica.

Em comparação com o Jesus Bíblico, pode-se ressaltar que o Jesus do folheto parece ser menos tolerante em relação aos poderosos. Segundo a Bíblia, quando Zaqueu, homem desonesto para com os pobres, tenta se aproximar de Jesus, ele imediatamente, reconhecendo virtudes em Zaqueu, diz que vai a sua casa. (LUCAS, 19: 1-10). Pelo lado Bíblico, teria-se um Jesus mais “bondoso para com todos sem fazer distinção de pessoas”. (LUPI, 2015, p. 34). Já o cordel em nenhum momento menciona um Jesus tolerante em relação aos ricos ou a quem oprime o pobre, ao contrário, o folheto objetiva nos mostrar um Cristo revoltado com a situação dos “pequeninos” e com pouca ou nenhuma afeição aos poderosos:

Jesus Cristo falava e pressentia  
A angústia dos homens sofredores;  
**Muito duro**<sup>5</sup> falou aos opressores

---

<sup>4</sup> Grifo do autor.

<sup>5</sup> Grifo nosso.

Negadores de toda a garantia,  
E dizia também que lutaria,  
Dando força à fraqueza dos plebeus,  
Por que eram de fato irmão seus  
Necessitados de sua liberdade [...] (SOUSA, 1982, p. 5).

Neste verso, observa-se que o folheto busca veicular um Jesus que definitivamente toma partido pelo lado do oprimido.

Em relação aos ricos e opressores dos “pequeninos”, o cordel busca reforçar a imagem do Cristo Juiz, que julgará em seu tempo aquele que desprezou seu povo eleito:

Neste verso em martelo agalopado  
Eu te digo que tu és meu réu,  
E também que tu não vais para o céu,  
Para o Reino que já ta preparado.  
Pro inferno tu serás condenado  
Para seguir teu eterno destino,  
Pois julgando eu sou bem genuíno  
Da vida olhando apenas o valor  
De quem soube viver com muito amor  
E, vivendo, acolheu o pequenino (SOUSA, 1982, p. 6).

De acordo com o cordel de Pe. Matusalém Sousa, nada mais restaria ao rico opressor senão a condenação. Mais uma vez, é interessante notar como o folheto não menciona a possibilidade de retratação para estas pessoas, o que seria algo natural na concepção cristã. Nestes versos, o cordel objetiva explicitar e veicular uma visão contra as injustiças sociais a que, segundo seu discurso, estariam sujeitos os sertanejos. E ele utiliza para isso a figura daquele que julga ser o protagonista ideal, Jesus Cristo nordestino.

Em seu último verso, o folheto procura veicular um ideal de liberdade para o povo nordestino através da boa esperança trazida pela mensagem religiosa:

Pro Nordeste é Deus que anuncia,  
Meio a tudo a nova condição,  
Agradável e com libertação,  
Tendo a força como muita alegria,  
Usurpando de já a garantia,  
Sentindo nossa grande ansiedade,  
A andar procurando liberdade  
Libertando o mundo no amor  
**Entregando ao povo sofredor**<sup>6</sup>  
Mais sentido e mais fraternidade (SOUSA, 1982, p. 8).

---

<sup>6</sup> Grifo do autor.

Portanto, Jesus Cristo assumiria a tarefa de trazer ao povo do sertão nordestino a esperança de tempos melhores no futuro, de libertá-los desta situação de exclusão e abandono tal como é apresentada na música, e principalmente da de opressão explicitada no folheto.

### **Considerações finais**

Percebemos ao longo desse texto que as fontes aqui trabalhadas buscam representar um Jesus Cristo que se encontra sob constante diálogo com o contexto sociocultural do sertão nordestino. Contexto este que as fontes também buscam construir discursivamente, onde o mesmo é apresentado como um espaço que necessita urgentemente de auxílio, o que vem a ocorrer com a presença de Cristo. Em um primeiro momento, o folheto e a música buscam fazer uma comparação da vida e da filosofia da mensagem de Cristo com o sertão. É um Jesus Cristo visto como sertanejo porque suas falas são dirigidas mais aos pobres e excluídos, caso dos que vivem no sertão de acordo com o discurso das fontes. Seu jeito de ser, sua conduta, também vai lembrar o sertanejo, humilde, corajoso e honrado, assim como ele era. Já em um segundo momento, vemos os discursos de ambos, sobretudo os do folheto, buscando apresentar um Jesus Cristo demasiadamente ligado à situação de pobreza, abandono e opressão que suas falas afirmam viver o sertanejo.

A música de Luiz Gonzaga busca representar um Cristo que se relaciona mais ao isolamento e solidão em que vive os sertões, enquanto que o cordel de Pe. Matusalém Sousa demonstra está mais preocupado com as comparações de Cristo com o sertanejo e seu contexto cultural e principalmente social.

Portanto, o Jesus sertanejo é construído nas formulações discursivas de ambas as fontes que se apropriam de falas históricas instituídas em relação ao sertão e ao Nordeste. Estas representações de Cristo não deixam de se constituírem como falas que almejam expor um lugar que se mostra abandonado, excluído e oprimido, onde representar Cristo de tal maneira só foi possível justamente por causa desta característica histórica desta espacialidade historicamente construída por várias outras falas não muito divergentes das que foram aqui expostas.

## FONTES

GONZAGA, Luis. Jesus Sertanejo. J. Finizola [Compositor]. In:\_\_\_\_\_. **Chá cutuba**. Rio de Janeiro: RCA Camden, p 1977. 1 disco sonoro, estéreo. Lado 1, faixa 4 (3 min 8 s).

SOUSA, Matusalém. **Meu Jesus é nordestino**. Fortaleza: [s.n.], 1982.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

\_\_\_\_\_. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru: EDUSC, 2007.

BARROS, José D'assunção. A Nova História Cultural- considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 12, n. 16, p. 38-63, 1º sem. 2011.

\_\_\_\_\_. **O campo da História: especialidades e abordagens**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. 86. ed. Tradução do Centro Bíblico Católico de São Paulo. São Paulo: Ave-Maria, 2011.

BRITO, Alexsandro B. **As imagens da cultura sertaneja na literatura de cordel**. 2016. 114 f. Dissertação (Mestrado em Desenho, Cultura e Interatividade)-Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2016.

BUENO, Aparecida de Fátima. Nas trilhas de Eça e Saramago: representações de Cristo no século XX. **Via atlântica**, São Paulo, n. 6, p. 55-64, out. 2003.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural**.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CALDAS FILHO, Carlos R. Religião na literatura de cordel: análise da religiosidade popular do Nordeste brasileiro. **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo, v. 13, n. 52, p. 65-77, jul./set. 2005.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

CHARTIER, Roger. **História cultural: entre Práticas e Representações**. Lisboa: Difel, 1990.

\_\_\_\_\_. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5. n. 11, p. 173-191, 1991.

COSTA, Andréa S. da. A representação de Jesus Cristo na Bíblia Medieval Portuguesa. In: **ECONTRIO REGIONAL DA ANPUH-RIO: MEMÓRIA E PATRIMÔNIO**. 14., 2010, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: NUMEM, 2010. Disponível em:

<[http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276642422\\_ARQUIVO\\_ArepresentacaodeJesusCristonaBibliaMedievalPortuguesa\\_AndreaCosta.pdf](http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276642422_ARQUIVO_ArepresentacaodeJesusCristonaBibliaMedievalPortuguesa_AndreaCosta.pdf)>. Acesso em 13 nov. 2016.

FERRAZ, Maria Clara S. **O Sertanejo nordestino: representações culturais brasileiras de resistência e de fé**. 2004. 116 f. Dissertação (Mestrado em História)-Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2004.

GAMA, Valeska B. **“Louvado seja!”: representações do sagrado nas canções de Luiz Gonzaga**. 2012. 152f. Dissertação (Mestrado em História)-Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

GOMES, Alfredo Macedo. **Imaginário social da seca, suas implicações para a mudança social**. Recife: FUNDAJ; Ed. Massangana, 1998.

LORO, Tarcisio J. Jesus Cristo, modelo de comunicador. **Revista Eletrônica Espaço Teológico**, São Paulo, v. 4, n. 5, p. 47-55, maio 2010.

LUPI, João Eduardo P. Basto. E vós, quem dizeis que eu sou? Representações atuais de Jesus e seus reflexos nas Igrejas. **MÉTIS: história & cultura**, Caxias do Sul, v. 14, n. 28, p. 33-48, jul./dez. 2015.